

OPERAÇÃO ACOLHIDA

RELATO DE UMA JORNALISTA DENTRO DA BASE MILITAR

Texto: Jornalista Anabel Reis / 2º Tenente Angela

Em 1989, ano do meu nascimento, as mulheres ainda não integravam as fileiras do Exército. Mas em dezembro de 2019, já com 30 anos, eu, uma civil e jornalista, embarcava no Hércules C130 da Força Aérea Brasileira com o maior contingente feminino da Operação Acolhida, a primeira missão humanitária das Forças Armadas em território nacional. Apesar de não haver diferenciação de gênero nas instituições militares, eu descobriria um papel essencial delas na interiorização de migrantes do segundo maior movimento de refugiados do mundo: o da Venezuela.



Foto: Bruno Braga

Minha equipe de reportagem não tinha roteiro fechado, afinal, pousaríamos em Roraima, no norte do país, com os militares do Comando Militar do Leste (CML), o sétimo contingente da ação. Entretanto, eu tinha uma certeza: estava ali para desconstruir uma visão de parte da população de que a ação estimula a vinda de venezuelanos, este discurso não leva em conta dados nem a legislação. Para mudar este cenário é preciso uma imprensa comprometida para compartilhar informação de qualidade. Encontramos os personagens durante os 12 dias que ficamos alojados em contêineres de duas bases militares: Boa Vista e Pacaraima, eles deram origem a série "Expedição Refugiados" com cinco reportagens exibidas na Record TV Rio.



Foto: Arquivo pessoal



Ainda em solo carioca, o Soldado Darlan foi o primeiro a nos emocionar ao tirar o sapatinho da filha da farda. Ele deixou a família voluntariamente para acolher migrantes desconhecidos. Lá, eu e ele encontramos crianças que não tinham o que calçar. Furtados no caminho, sem dinheiro e num país desconhecido chegaram a dormir na rua até serem encaminhados para a Operação. Agora imagine ter que passar tudo isso sem a companhia dos pais? Mais de 530 crianças e adolescentes viajaram sozinhos.

Nos abrigos, o que seria jogado no lixo vira brinquedo, como uma pipa feita de sacola plástica. Quando menores estão acompanhados, o mais comum é o responsável ser uma mulher, elas são maioria nos abrigos. O motivo? 90% das vagas de emprego oferecidas para os refugiados eram apenas para homens. Foi aí que as militares foram estrategicamente posicionadas no contato com empresários. A missão era sensibilizá-los da capacidade de venezuelanas ingressarem no mercado de trabalho.

Já a célula de “Assuntos Cívicos” foi responsável por mostrar que as Forças Armadas vão além do que lhes é demandado. Em ocupações espontâneas, que estão fora do “guarda-chuva” da Operação Acolhida, militares e voluntários levaram doações, atendimento médico e cadastraram famílias que desejam ser interiorizadas. Um sopro de esperança para quem improvisou um teto para morar.

Em quatro meses, esse contingente enfrentou situações de crise: desertores do Exército Bolivariano que pedi-

Foto: Raphael Max



//
A versatilidade das Forças Armadas proporcionou que milhares de migrantes fossem interiorizados com inserção socioeconômica."

ram refúgio, protesto na fronteira e o Coronavírus, tudo sem falhar na missão humanitária. Lidaram com pessoas que deixaram as casas, a família, o país e língua materna porque não ter o que comer.

Em dois anos de Operação Acolhida, o cenário de caos do Estado foi mudado com uma parceria entre civis e militares. A alteridade foi posta em prática, sem deixar de lado a necessidade de ordem urbana e saúde pública. A missão de evitar uma crise humanitária em território nacional está sendo cumprida. A ação não aumen-

Foto: Raphael Max



tou o fluxo de venezuelanos para o Brasil, mas sim organizou a fronteira e os direciona para outros estados de um país que tem dimensão continental. Hoje eles são apenas 0,12% dos integrantes da nação.

Além disso, o emprego das Forças Armadas ratifica o posicionamento brasileiro de cumprir a legislação de Direito Humanitário Internacional e reforça que os direitos humanos são um princípio constitucional abordado na Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988.



Foto: Arquivo pessoal



Foto: Sheila Caroline



Foto: Arquivo pessoal

Minha equipe pôde acompanhar de perto as situações, praticar empatia e trocar o senso comum pelo senso crítico. O resultado do trabalho comprometido de ambas as partes não poderia ser outro: mostrar para a sociedade que é possível pensar contra a corrente.

A versatilidade das Forças Armadas proporcionou que milhares de migrantes fossem interiorizados com inserção socioeconômica. Homens que no Rio de Janeiro foram filmados pela minha equipe durante a Intervenção Federal com equipamentos de guerra, distribuíram sorrisos e esperança com a mesma competência. A Operação Acolhida entrega um recomeço para venezuelanos e para Roraima sem fechar os olhos para os desafios que se apresentam todos os dias. Se no Rio acompanhei o Braço Forte, no norte conheci a Mão Amiga.